



Casa do Gaíato

13 DE ABRIL DE 1974
ANO XXXI — N.º 785 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Aqui Lisboa

Por
Padre Luiz

Trouxemos na quinzena passada a estas colunas a voz autorizada do Papa, dirigida a todo o Mundo, no início da Quaresma. E hoje, como primeiros responsáveis pela manutenção desta rubrica, não resistimos a transcrever uma passagem da substancial e rica alocução do Patriarca de Lisboa aos seus diocesanos, em idêntica circunstância. Ei-la, na certeza de que ajudará os nossos leitores na caminhada da conversão interior que se

impõe e na conseqüente reconciliação com Deus e com os Homens nossos Irmãos.

«Na linguagem bíblica, o coração é, como sabemos, sinónimo da interioridade espiritual do homem. Além dos sentimentos, nele residem as recordações, as ideias, os projectos e as decisões. O coração é o centro do ser humano, a base existencial onde o homem dialoga consigo próprio, assume as suas responsabilidades, se abre ou se fecha

a Deus. É a fonte da personalidade humana consciente, inteligente e livre, o lugar das escolhas decisivas, da lei não escrita e da acção misteriosa de Deus. «Tanto no Antigo como no Novo Testamento — escreve um teólogo escriturista — o coração é o lugar onde o homem encontra Deus, encontro que se torna plenamente efectivo no coração humano do Filho de Deus.»

E onde está o nosso coração?

Continua na TERCEIRA página



Eis um grupo de «Bataínhas», da Casa do Gaíato de Lisboa — Santo Antão do Tojal. «Filhos à vontade na casa paterna», diria Pai Américo.

PÁSCOA

capacita para retentar ser o que Deus quer que eu seja — voltar a ser eu. Este novo sopro, estes novos sopros que a Sua paciência e misericórdia sem fim multiplicam, são absolutamente

TODA a Palavra do Senhor é uma palavra de ordem dirigida ao Homem para que se ponha em marcha à conquista da liberdade perfeita.

Deus criou o Homem à semelhança de Si — grande demais para ser presa de quem quer que seja. Só o homem é carcereiro do Homem: cada um de si mesmo. A liberdade não é a isenção de um condicionalismo externo, mas uma realidade interior, intocável por todos menos por cada qual.

Há um limite dentro de cada um de nós, que é verdadeiramente o estorvo: uma tendência trágica para negarmos o que somos. O nome próprio de Deus é Eu sou O que sou. A semelhança dEle, o nosso dever é ser eu sou o que Deus quer que eu seja. Ao sabotar o que Deus quer que eu seja, nego-me, destruo-me — não sou. Eis o pecado do homem; a causa de todas as mortes que a si mesmo se inflige; o processo aniquilante da sua liberdade.

Para o Homem a morte é uma realidade irreversível. Não temos em nossos lábios o sopro que anima, nem para nós, nem para qualquer ser que viveu. Senhores do Mundo feito para o Homem, somos impotentes perante o ramo cortado de uma árvore, o animal fulminado, um filho cuja perda trespassa o nosso coração. É assim com a morte física. Seria assim com as «mortes» que afectam o espírito imortal. Seria... se o Deus que é e nos faz ser não transfundisse da Sua infinita liberdade para o nosso organismo exausto de liberdade que desperdiçamos, um novo sopro que nos ressuscita, nos anima, nos

indevidos, são graça Sua — são a Sua Graça.

Gratuitos para nós estes dons de Vida foram, porém, remidos pelo preço de uma morte, a de Cristo. O sacrifício livremente assumido por Ele em favor do homem, substituindo todos os homens no lugar do réu perante a Justiça, que Se negaria na demissão do Seu direito — é ele que enxertado no homem bravo pelo mau uso da sua liberdade, o revitaliza, de novo o faz fecundo, o torna vivo para poder prosseguir a conquista da liberdade perfeita que desabrochará na Vida.

Cristo aceitou ser Ele o réu em vez de nós, porque nem todos os homens juntos tinham, por si mesmos, poder para subsistir com os seus pecados diante de Deus.

Mas depois dEle o haver feito, com Ele e por Ele, já nós tal podemos. De novo a Justiça se negaria a Si-mesma se não no-lo exigisse. Por isso o Cristianismo nos não oferece um Redentor que nos salvou contra-vontade ou forada-nossa-vontade; mas um Cristo que nos salva mediante a nossa adesão, a nossa comunhão com Ele — um Cristo que veio para ficar e está no meio de nós, realizando connosco e por nosso intermédio as maravilhas que o Senhor sempre fez e faz e fará em favor do Seu Povo, o Povo constituído pelos homens que nEle crêem e esperam e O amam; e, pela força que Ele lhes dá, são capazes de sacramentar este amor no amor dos homens, efectivo, em obras, em verdade.

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

MALANJE

O nosso Tónio Comba anda no 1.º ano e dá boa conta de si. Quem o vir nas ruas da cidade não dá dois tostões por ele. Foi uma bala perdida que o feriu na cabeça e lhe paralizou, parcialmente, a mão e a perna direita. Mas anda, escreve e, por compreensão dos seus professores, ele assiste e participa nos trabalhos manuais e aulas de ginástica. Em Casa, fora do estudo e aulas, guarda o nosso rebanho. É vê-lo! Prometi-lhe uma flauta — mas ainda não encontrei. Para um perfeito bucolismo só falta nas encostas da nossa quinta a flauta do Comba... Campos verdes, vacas e ovelhas pastando, lagos e árvores! Só os requebros flautistas do Comba...

Lá chegaremos. Um dia fui criticado por levar o Comba a cantar numa

récita, «que era para armar ao sentimento». Não foi. Foi para que ele ganhasse confiança em si, se valorizasse. Nem sequer consinto que alguém o ajude a subir para o nosso camião... Ele se desenrasca sozinho.

Venha a flauta.

Encontrei o Tonito Mouco que foi nosso e fugiu. «Que o deixasse vir, que queria voltar.» Aparece daqui a quinze dias e se todos lá em Casa concordarem, está bem, disse-lhe.

Contou-me que tinha estado a trabalhar num patrão e comia fuba de milho e peixe seco; que estava doente; a mãe, não sabia dela; e os tios eram pobres.

E veio no dia marcado. Todos disseram sim. E o nosso Tonito está a trabalhar na oficina de carpintaria.

Padre Telmo

PELAS CASAS DO GAIATO

MALANJE

LAVOURA — Os nossos campos de algodão estão todos de verde com algumas flores pelo meio. São bonitos. O algodão está um pouco raquítico pois as chuvas chegaram só há poucos dias.

Este ano também temos o milho que já está prestes a ser colhido e não está muito famoso. Vamos ver se temos mais sorte com o feijão que está com alguns dez centímetros de altura, se tanto, pois ultimamente temos tido chuva...

BACALHAU — Há grande dificuldade na compra de géneros alimentícios. Cá em Casa já se não prova bacalhau desde o Natal e esse porque foi oferecido.

Há dias o sr. P.e Telmo trouxe-nos três bacalhaus que trocou por umas garrafas de «Whisky» que alguns dos amigos nos têm oferecido. Temos cheiro de bacalhau para algumas refeições, se for bem poupado. Já está a cento e dez escudos o quilo!...

UM PEDIDO — Estamos com grande movimento de despesas em nossa Casa. E, para contabilizar todo esse movimento, necessitamos de uma máquina de calcular com as quatro operações. A falta de máquina obriga-nos a andar com a escrita atrasada. Ajudem-nos!

FÉRIAS — Temos a senhora da Casa de férias na nossa Casa de Benguela. Bem precisava.

Trinta dos nossos rapazes mais pequenos foram para a colónia do I. A. S. A. em Luanda.

A Casa só cá tem cinquenta e poucos rapazes e parece ainda estar cheia pois já é uma Comunidade muito numerosa.

RETIRO — Neste sábado vão os maiores à nossa Casa de Benguela fazer um Retiro de três dias e ao menos dois de praia.

O esforço para este tempo é grande, pois estas saídas são necessários preparativos que vão sendo trabalho de uns e o bem-estar de outros, mas têm de ser todos por um e um por todos, pois só assim somos uma verdadeira família.

FORMAÇÃO ESCOLAR E PROFISSIONAL — Nas nossas notas houve altos e baixos como há em todos os lados. Tivemos cá mais dois ou três que já lá não chegam. Cada vez se nota mais a falta da nossa serralharia para ocupar tais rapazes. Também cá temos alunos exemplares, entre eles o Sansão e o Camacho I, que devem dispensar de exame.

O nosso Camacho I, ultimamente, tem-se portado bem, pois é o nosso cozinheiro e tem-nos feito bons petiscos. Apesar de trabalhar na co-

zinha, ainda consegue ser o aluno exemplar. De manhã vai às aulas e de tarde é cozinheiro.

Joaquim Carlos Fernandes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

A MORTE — O sr. Tito fora sempre muito débil. Vivia só, em dependência térrea, cedida por uma das famílias que servira durante trinta anos, sobretudo como «moço de recados» — que o físico daria para pouco mais.

Era um homem prestável, delicado. Um homem de fé.

Os vicentinos (e os vizinhos) acompanharam o seu calvário, como podiam. Ainda não há muito decidiu-se uma «vacaa», atendendo às suas carências de habitação: na dependência, improvisou-se um «quarto» assoalhado, com paredes de plateg. Um fez de carpinteiro, outro de trolha, outro de jornaleiro... Dois ou três domingos operosos — com sr. Tito deliciado, de sorriso nos lábios.

Teve os remédios necessários, sem olhar a preços. E um auxílio maior para ter mais quê, além da refeição que normalmente recebia em troca de serviços prestados.

Há dias piorou. Recomendámos que fosse imediatamente internado no hospital. Seguiu na ambulância, mas... Foi a hora do Senhor! Está no Céu. Mais uma luz acesa, entre muitas que nos servem de esteio junto do Pai Celeste.

O funeral do sr. Tito, sem espaventos — pobre como os Pobres — foi tão rico! Uma demonstração pública da sua vida de servo humilde, de homem de fé. No cortejo, ou na Missa de corpo-presente, além das Confrarias participaram crianças (ó beleza!), homens, mulheres, Pobres — e figuras gradas da terra; algumas a quem servira. Não era multidão, mas a diversidade de classes foi testemunho cristão, que parecia fazer estremecer as paredes graníticas, austeras, da igreja multi-secular. Louvado seja Deus na pessoa do sr. Tito!

E A RESSURREIÇÃO — Quando esta edição sair, estamos na Páscoa — a Ressurreição de Jesus.

Se Ele não ressuscitasse — diz S. Paulo — seria vã a nossa fé.

Nas vésperas do grande Dia, como sempre, faremos uma visita especial aos nossos Pobres. É o Folar. Mais um acto de amor a suprir carências que não deveriam ser em uma sociedade dita cristã... É a preparação da Visita Pascal. É o anúncio da Ressurreição. É um encontro que vale muito mais do que as amêndoas e os cacetes e a aletria e mais e mais...

DONATIVOS — Abre a assinante 31316, de Belas, com 50\$00. Torres Vedras com a «humilíssima migalhina mensal» de 5\$00. Ó heroísmo! Mais uma presença de Louro (V. N. Famalicão). Avó Antiga: chegou tudo; muito bem e muito bom! Minde: idem e 200\$00. Agora, vem lá uma Maria de Lisboa, com 250\$00 para os nossos Pobres; termina «por pedir uma oração para que Deus

perdoe esta pecadora». Segue outra, do Porto, rua Augusto Gil, com 40\$ «para os nossos Irmãos mais desprotegidos». Hoje é a *procição* das Marias! Aqui vai outra, de algures:

«Já há meses que penso enviar alguma coisa para aquele «trabalhador rural», assinalado em «O Gaiato». A preguiça de pegar na caneta e as poucas horas livres, vão talvez criar-me o problema de consciência por ser tarde demais. Deus permita que tal não aconteça.

Foi a leitura desse caso que me alertou. Mas deixo inteiramente ao seu critério a aplicação desses míseros escudos... Este dinheiro foi-me pago por um trabalho que eu pensava fazer gratuitamente...»

Ó carta! Veio na hora própria.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

OBRAS — Acabámos a nova garagem que ficou muito espaçosa e boa. Era já uma necessidade que nos preocupava. A nossa actual carrinha é espaçosa, e não a podíamos ter descautelada, ao tempo.

Agora, ainda temos uns restinhos da nova cozinha por acabar; estará pronta dentro de dias. E será muito funcional.

LAVOURA — E a nossa lavoura? Caminha normalmente. São batatas

que lançámos à terra, pois temos muitas bocas à espera da colheita...

PERÍODO ESCOLAR — Estamos em férias, os alunos da Instrução Primária e do Ciclo Preparatório TV. Aplicamo-nos todos nos trabalhos de oficinas e limpeza de ruas. Com esta mudança de rumo, aproveitamos as horas livres para descansarmos as nossas cabecinhas.

VISITANTES — Tivemos, no domingo passado, a visita dum grupo desportivo de futebol — o «Ajax».

E, agora (porque não dizer a verdade?) perdemos por 4-1. A nossa desculpa é a seguinte: três «frangos» do treinador, que só defendia ao pé.

Isto não deslustra, porque o Sporting arma-se em campeão e *comeu* 5-3.

Aproveito para pedir que nos ajudem, pois a nossa derrota, a meu ver, não se deve só aos «frangos» mas às bolas que estão todas quadradas...

IMAIJUDE — A convite da Associação Industrial Portuense, participámos na Exposição Internacional de Material para a Infância e Juventude (IMAIJUDE), no Palácio de Cristal.

Sendo a nossa divisa «Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes», imperdoável seria a nossa ausência nesta importante Exposição.

Claro que participámos modestamente: a presença de fotografias e

edições demonstrando como e quando é possível a Educação pelo Trabalho.

Manuel Amandio



Casamento do José Ferreira (foi o «Zé da Mala» em Paço de Sousa) e de Maria Alcina.

A venda do Jornal no Norte do País

É a segunda vez que escrevo para o «Famoso».

Começo pelo Porto, pois sou vendedor nesta cidade. O Meno é o melhor do grupo. Leva 300 jornais na sexta-feira e vende-os todos. O «Rouxinol» é o seu companheiro; leva 350 e também os passa. O «Melancia» e o «João Ratão» também vão na sexta-feira correr os Bancos. E o «Tiroliro» vai directamente para a cidade de Aveiro.

Passemos à venda de sábado: todos vendem bem. É no sábado que seguem para várias terras do Norte os seguintes rapazes: «Melão» — Póvoa de Varzim; «Girassol» — Viana do Castelo; «Ganhão» — Espinho; e «Rouxinol» para Braga. Este vai escrever também alguma coisa, depois de mim.

Nós vendemos, ao domingo, nas Igrejas. As principais Igrejas são as seguintes: Marquês, Trindade, Congregados, Cedofeita e Carmo. Mas os outros também não se deixam ficar...

Esqueci-me de dizer que o «Aspirina» sai do Porto no domingo de manhã para ir vender o Jornal a S. Mamede de Infesta!

E, agora, despeço-me e desejo uma boa Páscoa a todos os Leitores e dou a palavra ao «Rouxinol», vendedor em Braga.

Rui

Vou falar sobre a venda de Braga.

Saio no sábado de manhã pelas 8,45 h. Chego lá por volta das 11 h. e um quarto. Começo logo a correr as 4 Caixas da Providência; depois disso, vou para casa de um senhor nosso amigo.

Na parte de tarde corro os meus fregueses e cafés.

No domingo não tenho jor-

nais para vender, porque no sábado vendo-os todos. Preciso de levar mais, mas o sr. Padre Carlos não quer porque estamos na crise do papel.

No domingo à tarde sigo no comboio das 14,48 h. até ao Porto.

Caríssimos amigos: por hoje é tudo; fico por aqui e desejo aos meus fregueses uma boa Páscoa.

«Rouxinol»

P Á S C O A

Cont. da PRIMEIRA página

Não somos, pois, espectadores no drama da Redenção. Somos actores indispensáveis. Como outrora, ao libertar os filhos de Israel da terra do Egipto, «o Anjo de Deus que seguia à frente, veio colocar-se à retaguarda», «a coluna de núvens safu da dianteira e veio prostrar-se atrás do acampamento».

Toda a Palavra de Deus é um incitamento à conquista da liberdade perfeita. Cristo foi à nossa frente e está atrás de nós, enquanto o tempo for, responsabilizando-nos pela salvação de todos os homens.

A adversidade será nossa companheira na luta — companheira necessária sem a qual

o homem se queda animal bem-nutrido, presa fácil de uma auto-satisfação mentirosa. O risco não faltará. A aventura temos de a assumir responsabilmente, na certeza pacificante de que não somos os únicos caminheiros e levamos, até, Aquele que é o Caminho! Isolados sentir-se-ão os cobardes, que o nossa Deus é dos fortes!

Eis a vida que Cristo temperou e a que deu desde já sabor a Vida.

A vida é passagem. O tempo é provisório. A contradição, arma para a conquista da liberdade perfeita que faz o homem ser quem é.

Eis a PASCOA. Eis a Festa do Homem.



«O BARREDO»

e os Leitores

Hoje, como há vinte e tal anos, «O Barredo» fere; e produz nas almas salutar revolução!

● RECORTES

A Imprensa noticia para o grande público. Diz um colega:

«Neste livro, a todos os títulos recomendável, o que encanta não é apenas o estilo sublime e a grandeza de alma do Pai Américo, mas, sobretudo, a tradução ao vivo de algumas das constantes evangélicas.»

Diz outro:

«Não é uma daquelas publicações massudas que fazem bocejar nem tresanda a cera de sacristia, sosseguem os espíritos fortes ou cépticos; mas sobejam-lhe, pelo contrário, motivos

de interesse para circular nas mãos do chamado grande público.»

E mais outro:

«O Barredo simboliza a miséria dos Pobres de Portugal, estão bairros de lata, etc.... São chagas sociais quer seja em Lisboa ou em outro lugar qualquer. Chagas que se reacendem. Com garotos a dormir onde calha. E o resto. E o resto, senhor leitor. O Barredo também faz a História.»

E que dizer da correspondência de tanta gente — tanta! — que daria matéria para mais do que uma edição do «Famoso»? Eis o prato forte. Ele hossanas e desabafos, angústias e sofrimentos, confissões e penitências e interrogações; tudo de

tudo quanto as almas são capazes — tocadas pelo Mandamento Novo.

● CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

A palavra vai para os Leitores. Primeiro, a disposição d'alma dos responsáveis pela solução do Barredo tripeiro:

«A Vereadora da Câmara Municipal (do Porto) agradece em nome da Vereação (o) livro sobre o Barredo, assunto que tanto tem preocupado a Presidência.»

Agora uma leitora de Lisboa:

«O livro «O Barredo» já foi lido e relido, sempre com uma enorme angústia, por tanto sofrimento que as suas páginas nos revelam!

Dos olhos o pranto não seca! Ao lê-lo, senti a minha quota-parte de culpa colectiva e o desespero da minha impotência para minorar tanto sofrimento humano!
É horrível!

Cont. da PRIMEIRA página

Por outras palavras: onde está a nossa pessoa?

Há quem viva unicamente preocupado em ter mais, em conseguir maior riqueza, em poder dispor, por qualquer meio, de maior fortuna. O coração desse está posto no seu tesouro, no que já tem e no que cobiçosamente deseja ter.

Existem homens ricos que trazem o coração apodrecido pela sua riqueza. Transformaram o dinheiro em ídolo que continuamente adoram. Ricos deste género são quantos obtiveram a sua fortuna à custa do súbido justo, que não pagaram ao trabalhador. São os que roubam o Pobre, o Orfão e a Viúva, não repartindo com eles o que por direito lhes cabe. São os que, envolvidos em fraudulentas especulações de bolsa, procuram lucros momentâneos indevidos, sem escrúpulos de provocar o desequilíbrio económico-financeiro do país e a penúria de muitas pessoas, famílias e instituições. São os que fecham a sua riqueza ao cumprimento dos deveres a ela inerentes, com prejuízo do desenvolvimento material e espiritual dos outros.

Há fortunas mal adquiridas; há riquezas desonestamente utilizadas. Saibam, porém, esses ricos que os seus haveres encontram-se ameaçados de ruína. Pode a traça não os roer e o ladrão não os roubar, mas ninguém conseguirá livrá-los do perigo iminente de serem devorados pelo fogo que jamais se extingue. A tais pessoas só a Palavra divina as pode salvar. Se deixarem que Ela lhes ras-

E o Barredo ainda existe?!

Na minha humilde pequenez, além da minha mágoa, só posso pedir a Deus — o que sempre faço — que na Sua Infinita Misericórdia «dê a cada família uma casa, pão para todas as bocas, um pano para cada nudez e o Seu perdão para todos os pecados».

Nada mais posso fazer!
E tenho pena!»

Baião:

«O livro «O Barredo» continua a ser tão vivo, tão espantoso, tão cheio de Deus — tão actuante! Tudo tão... Nem a gente sabe mais o que dizer, e o melhor é calar e meditar...

Fiquei cheia de interrogações sobre o Barredo. Ainda será assim? Tanta gente?...

A tuberculose essa pelo menos espero esteja muito regressada uma vez que o remédio cura, mesmo nas piores condições.

Ouvi dizer que toda a Ribeira ia ser saneada mas, para já, nada parece ter havido...»

S. João da Madeira:

«Recebi o livro «O Barredo» que muito agradeço e ando a ler vagarosamente.

São retalhos de vida real, concreta e dura de muitos dos nossos Irmãos que não nos podem deixar quedados e mudos pois hoje há por aí tantos barredos e tocas por todo o lado! O que é preciso é não deixar adormecer as consciências e «O Barredo» bem como todos os outros livros de Pai Américo que tanto admiro, são brasas a incendiar o nosso «eu» tão eivado de egoísmo e comodismo que são os maiores males deste tempo...»

Fecha — e muito bem! — S. Pedro do Sul:

«Obrigado, Pai Américo, pela bênção que hoje entrou em nossa casa! — «O Barredo».

Ó legenda!

Júlio Mendes

DONATIVOS

Eu diria que é natural ao homem a necessidade de repartir. Tanto como a necessidade que todos temos dos outros, de receber de outros serviços e dons de toda a espécie, que nos completam e suprem a congénita insuficiência. Tanto como o acto vital de respirar se compõe de inspiração e expiração; e o sangue circula em fluxo e refluxo a partir do coração. Tanto que nos Povos primitivos, mais próximos da Natureza, a solidariedade é tão espontânea, que não são precisas complicadas estruturas sociais para a justa repartição pelos membros do clã dos bens do património comum e mesmo dos deveres.

O egoísmo é hábito reflexo, fruto de uma filosofia de vida fundada em conceitos de prudência, decerto não correspondentes aos da Lei Natural, a julgar pelos da Prudência evangélica que Cristo nos revelou — Ele «que não veio revogar a Lei, mas completá-la».

Sim, aperfeiçoá-la: «Que a mão esquerda não saiba do bem feito pela direita» — não vá ser um acto natural, algumas vezes devido, tomado pela cabeça como benemerência facultativa, a pedir comenda e o aplauso da praça pública. Ai dos a quem assim sucede, que «receberam sua mercê»! Felizes os que sabem esperar por outra, incomparavelmente preciosa, que no silêncio, será dada por «Aquele que vê o oculto nos corações»!

De facto, no nosso mundo, estes são mais raros. E não pode deixar de impressionar o engenho que a Caridade lhes dá para de modos renovados realizarem a sua oferta em santa clandestinidade.

Assim foi que há dias «achámos» setenta contos, sem a mais ténue pista para suspeitar de quem os deixaria.

Feliz o que os deixou porque só Deus sabe!

x x x

E agora esta mensagem, acompanhando um belo anel e outra jóia de família:

«Passa, hoje, o primeiro aniversário do desaparecimento de minha mãe, tão querida; triste para mim, mas alegre para o Senhor.

Sinto não ter compreendido há mais tempo os passos dados por Pai Américo, na conquista dos infelizes, abandonados, dos Pobres (culpa dos homens que não amam). Arrependido, de há vinte anos, não ter a ideia que presentemente fecunda em mim.

Creio ter acordado tarde. Que pena, santo Deus!

Procuo nos livros de Pai Américo e no «Famoso» alívio para o meu sofrer.

Este objecto, sem valor e tanto me pesa, transferi-lo-ei para o meu Próximo, abandonado. E, ainda há tantos!

O meu carinhoso abraço, de muito obrigado.»

Feliz o que sofre por não ter amado tanto quanto...!

Pela figueira infrutífera pugnou o Senhor: «Mais um ano, mais uma oportunidade...; e se então não der fruto será arrancada».

Nunca é tarde para acordar; é sempre hora para o arrependimento. O amor que Deus conta, mede mais em profundidade do que em extensão.

Aqui Lisboa

que o coração e os desapegue da idolatria do ter, encontrarão o Senhor nosso Deus «que é clemente e compassivo, lento para a ira, rico de bondade, e desiste dos castigos que manda».

A par dos que colocam o coração no dinheiro, não faltam também os que o põem no prazer. Muito frequentemente são os mesmos. Há homens que têm o coração podre pelo vício do prazer. Vivem para gozar e gozam para viver. Fazem da sensualidade o seu ídolo preferido.

Passa pelo mundo uma onda de sensualismo. Muitos perderam a consciência dos valores morais e parece já não saberem o que é a honra, a dignidade, o respeito e o essencial da condição humana. Destroem, em si próprios e nos outros, tudo o que a libertinagem chama tabus: queimam assim a inocência das crianças, mancham a frescura dos jovens, quebram os laços mais íntimos das famílias, e secam as fontes da vida e do verdadeiro amor.

Abundam, na nossa cidade de Lisboa e seus arredores, os altares erguidos ao deus-prazer. Fecharam-se há anos, as casas de tolerância, que sempre são vergonha oficial de quem as consente; mas multiplicaram-se outras, nestes últimos tempos, genericamente designadas por nomes que a língua portuguesa não conhece e onde nem sempre a moral cristã, para não dizer a simples dignidade humana, pode entrar. Preservam-se ciosamente determinados esquemas e valores ideológicos; mas permite-se que a pornografia invada

as ruas, as casas de espectáculos e os escaparates das livrarias, em nome de exigências cosmopolitas ou turísticas. E não se tem bastante em conta que a degradação de costumes constitui o vírus mais nocivo à boa saúde das sociedades organizadas.

Dói-nos a alma verificar que, também entre nós, há pessoas, algumas com particulares responsabilidades derivadas da formação cristã recebida e até da posição social que ocupam, cuja conduta moral não pode ser tida nem apontada como exemplar. Diante destes e de semelhantes comportamentos, temos de dizer com os sacerdotes de Israel: «Perdoai, Senhor, ao Vosso Povo, não entregueis a Vossa herança à ignomínia e ao escárnio das nações».

Ouçam também todos os ídólatras do prazer a voz de Deus a chamá-los, nesta Quaresma de 1974: «Diz agora o Senhor: voltai-vos para Mim de todo o coração...»

TRANSPORTADO NOS AVIÕES

DA T. A. P. PARA ANGOLA E

MOÇAMBIQUE



Teria sido mais oportuno dar à estampa logo que a recebemos, a carta que aí vai. Não foi possível...

Poderia agora incluí-la sob a epígrafe *Donativos* que neste número se publica. Porém, como o seu conteúdo doutrinal tem um matiz próprio e não perde actualidade, vai aqui.

«Amigos:

Os meus cumprimentos a todos os que vivem nas vossas Casas.

A nossa Paróquia tenta que todos os anos, especialmente neste tempo quaresmal, as pessoas cumpram o preceito da Penitência de forma que o seu jejum e a sua abstinência beneficiem aqueles Irmãos que, longe ou perto, mais precisam.

Lembrámo-nos que a *Obra do Gaiato* seria um bom local de «investimento» das nossas economias penitenciais. Essa *Obra* cuja finalidade é formar Homens os que, sem culpa sua, nunca o seriam.

O resultado material das nossas renúncias deste ano, seria, pois, a favor dos rapazes que crescem nas vossas Casas.

Creemos que assim a lei da Penitência tem razão de ser.

Penitência

Amor fraterno

A fim de as pessoas vos conhecerem melhor, verificarem quem sois, o que fazéis, como viveis, para se motivarem e sentirem o objecto da sua doação, solicitamos que nos enviem alguns jornais «O Gaiato», mesmo das vossas sobras (se os há), que serão postos à apreciação das pessoas.

Pedimo-vos este favor e agradecemos.»

Anterior e mais importante que «o resultado material das renúncias deste ano» é o acto de renunciar tendo um «objecto de doação». E tanto mais quanto essa doação se pretende consciencializada por um conhecimento mais amplo, a «motivar», a «fazer sentir»... Este conhecimento primeiro, ou melhor conhecimento daqueles para quem não éramos já desconhecidos, alicerça a comunhão e esta estabelece e fortifica laços de amor.

Mais importante do que «o resultado material» — repito — é que um punhado de cristãos adultos daquela Paróquia da Grande Lisboa nos fique a conhecer melhor e a amar mais. Que nos inclua na roda do seu Próximo, com direito a uma parcela no mérito das suas orações, do seu esforço por viver sadiamente o Cristianismo.

E importante, ainda mais, como luz a pôr em lugar alto para iluminar melhor, que aquela Paróquia tente, todos os anos,

que as pessoas cumpram o preceito da Penitência Quaresmal, beneficiando Irmãos precisados, com a largueza que os leva a procurar fora do seu território o objecto da sua renúncia.

Uma Paróquia assim educada no exercício da Caridade fraterna, não pode deixar de ter em si o Fermento de um mundo mais justo.

O nosso obrigado põe-lo nas mãos de Deus, que só Ele o poderá valorizar.

E o voto que fazemos e a sugestão a que nos atrevemos é de que aquele desejo de Pai Américo de que «Cada Paróquia cuide dos seus Pobres» seja sempre uma preocupação vossa e quanto antes uma realização consumada entre vós, de modo que a Luz de Cristo irradie sem sombras do seio da vossa Comunidade paroquial.

Um Testemunho e uma Proclamação

«Em toda a parte na sociedade, o homem é diminuído, apoucado, achincalhado. A injustiça é uma realidade permanente que bate a todas as portas. Vivemos numa sociedade que tem usado, correntemente e inconscientemente, no seu funcionamento, a opressão e a dominação.

Também por todo o lado, homens de todas as opiniões, quer sejam marxistas, ateus, esquerdistas, maoistas ou cristãos, quer usem a violência ou o amor, quer desejem a revolução ou as reformas, lutam pela justiça e pela liberdade. Esta luta existe também no nosso país, existe na cidade.

Sejam quais forem os caminhos escolhidos por cada um ou as opções políticas tomadas, perante os compromissos de cada um, não temos que considerar privilegiado um ou outro projecto de humanização enquanto corresponder ao desejo de realizar a fraternidade humana, a justiça e a liberdade. Esse domínio é reservado à liberdade de consciência de cada um.

Mas na qualidade de cristãos temos que testemunhar daquilo que Deus, tornado homem na pessoa de Cristo, nos deu como primeiro e único Mandamento: «Amai-vos uns aos outros» e de que queremos pô-lo em prática.

Temos também que proclamar que pela Ressurreição de Cristo, a morte e o mal foram vencidos e que por isso anunciamos uma Boa Nova, isto é, a esperança de que para toda a injustiça e para toda a violência, existe uma solução de amor.

Esse é o nosso papel de cristãos.»

(In «Escalada» — Folha de ligação do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo)



A beleza das nossas Festas nasce do amor. É o amor que gera o calor e o entusiasmo das nossas salas.

TRIBUNA de Coimbra

Estou na Praia de Mira, à beira da grande duna, com as ondas a meu lado e na frente vejo a nossa casa a tomar forma e beleza. Começamos a achar-lhe gosto.

Anda a equipa construtora, quatro dos quais começaram na primeira hora: Zé Tonito, Mendes, Cantante e Manéu. Estes quatro têm sido os grandes obreiros. Há três semanas que andam os calceteiros a empedrar o largo interior. A Estaco deu-nos azulejo decorativo que, posto nos quartos de banho e cozinha, rouba os nossos olhos. Numa parcela de terreno livre plantámos couves e batatas. Os Serviços Florestais deram-nos plantas para sentirmos mais acolhimento.

Passámos há dias pela Adico a encomendar cinquenta camas. A Eurospuma já hoje nos entregou os colchões e quis oferecer alguns. Brevemente iremos requisitar os vidros à Covina e esperamos que nos recebam bem, como têm feito sempre.

A construção desta casa tem-nos exigido um esforço duro: a distância, as instalações provisórias, o inverno, as viagens, a pontualidade dos materiais, os fins de semana.

Temos sentido poucos Amigos a vir ao nosso encontro. Uma senhora em S. Bartolomeu entregou-nos um embrulho com toalhas e um envelope com dez notas. Um vizinho deu-nos cinco litros de azeite **«do melhorzinho que tenho»**. Vieram trezentos para uma telha. A nossa Casa de Setúbal quis mimosear-nos com um cheque de dez. E esta carta:

«A leitura do vosso jornal «O Gaiato» é-me preciosa. Sei que lutam com dificuldades. Em Setembro, na Praia de Mira, estive convosco no acampamento e tive oportunidade de conhecer e medir os vossos anseios. Aquela casa que vós começastes a construir, que tive ocasião de ver, é bem um padrão da vossa esperança, mais um firme alicerce para a Obra do vosso amanhã. Deus vos faça bons e fortes para continuardes Obra tão grandiosa. Sou pobre. Prometo ajudar-vos naquilo que estiver dentro das minhas possibilidades.»

Faremos quanto pudermos para que a casa já nos possa receber este verão. As obras dependerão de nós. O recheio!... ocuparemos a casa mesmo vazia, se Amigos não vierem ao nosso encontro.

Santas Festas Pascais e atenção também às nossas festas.

FESTAS

«A vida é bela p'ra quem amar.» Ouço cantar o grupo dos mais pequenos que preparam os seus números para as Festas. Todo o dia ouço música, ora a um grupo, ora a outro. Desde que começaram os ensaios a vida da Casa toda ela é cheia de festa. Eu paro o que estou a fazer e fico-me, regalado, a ouvir. Eu sou um apaixonado pelas Festas. Como se não hão-de apaixonar os nossos amigos?

«A vida é bela p'ra quem amar.» A beleza das nossas Festas nasce do amor. É o amor que gera o calor e o entusiasmo das nossas salas. É por isso que onde elas já foram não podem deixar de ser. O cartaz fica de um ano para o outro.

O João Tiado, de 5 anos, irmão do Pedro de 3, vem sempre espreitar à porta da sala à espera que o chamem. Ele todo se arma para entrar também. E quando vou a passar, ele, convencido de que tenho alguma influência na escolha, põe-se no meu caminho de olhos fitos na cara onde me vai deixar um grande beijo. Oh! mundo, não geres assim filhos sem pai e não os deixes ao abandono! Eles têm olhos e sorrisos tão lindos!

As nossas Festas têm sido encontro de vida para muitos que encontram o calor escaldante das salas cheias.

Padre Horácio

ABRIL

- 18 — SETÚBAL
- 19 — MONTIJO

- 20 — LOUSA
- 21 — QUINTA DO ANJO E ARGANIL
- 22 — TOMAR
- 23 — SESIMBRA
- 24 — COIMBRA
- 26 — LEIRIA
- 27 — MIRA
- 28 — PALMELA
- 29 — COVILHÃ
- 30 — FUNDÃO

MAIO

- 1 — CAST. BRANCO
- 2 — LISBOA
- 3 — MARINHA GRANDE
- 4 — CANTANHEDE
- 7 — ANADIA
- 9 — MEALHADA
- 11 — POMBAL

